

Christine de Pizan e a defesa da dignidade das mulheres

Christine de Pizan and the defense of women's dignity

DOI:10.18226/21784612.v31.e026008

Tiegue Vieira Rodrigues¹

Andrea Maria Cordeiro²

Resumo: No presente artigo, nós exploramos a contribuição seminal de Christine de Pizan ao questionamento da dignidade das mulheres. A escritora é examinada no contexto de *A cidade das damas* (2019) e sua participação na *querelle des femmes*. Por meio das análises textual e contextual, propõe-se que Christine de Pizan desafiou tanto o debate quanto a condenação da feminilidade da Idade Média e iniciou uma discussão que influenciou o pensamento contínuo de teóricas feministas. Este estudo se concentrará em estrutura, argumentos centrais, crítica à tradição misógina, bem como na influência sobre autoras renascentistas e iluministas, como Marguerite de Navarre, Marie de Gournay, Mary Astell e Mary Wollstonecraft. Finalmente, argumenta-se que Christine de Pizan continua sendo uma das figuras mais relevantes na história das mulheres na filosofia e no surgimento do feminismo moderno.

Palavras-chave: Christine de Pizan. *Querelle des femmes*. Feminismo.

Abstract: In this paper we explore Christine de Pizan's seminal contribution to the defense of women's dignity, focusing on her work *A cidade das damas* (2019) and her role in the *querelle des femmes*. Through a textual and contextualized analysis, we demonstrate how Pizan challenged medieval misogyny, initiating a debate that influenced feminist thought for centuries. We examine the structure and central arguments of *A cidade das damas*, its critique of the misogynistic tradition, and the influence of her ideas on Renaissance and Enlightenment authors such as Marguerite de Navarre, Marie de Gournay, Mary Astell, and Mary

¹ Doutor em Filosofia na PUC-RS. Professor adjunto de Filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6011-4788>. E-mail: tiegue.rodrigues@gmail.com.

² É Doutoranda em Filosofia na UFSM (2026-atual). Mestre em Filosofia pela UFSM (2024-2026). Licencianda em Filosofia na UFSM (2024-atual). Possui Graduação, bacharelado, em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005). Interessada em Fenomenologia do luto, História da Filosofia Moderna, Revisão do Cânone e Filosofia Feminista e de Gênero. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6105-4378>. E-mail: andrea.filosofa@gmail.com.

Wollstonecraft. The research highlights Pizan's enduring relevance in the construction of a history of women in philosophy and in understanding the origins of modern feminism.

Keywords: Christine de Pizan. *Querelle des femmes*. Feminism.

Introdução

A história da filosofia, por um longo período, negligenciou as vozes femininas que desafiaram as estruturas patriarcais e contribuíram para a construção do pensamento ocidental. No entanto, a crescente atenção aos estudos de gênero e à história das mulheres tem revelado a importância de autoras como Christine de Pizan, cuja obra seminal, *A cidade das damas* (2019), inaugurou um debate que ressoaria por séculos: a *querelle des femmes*.³ Este artigo busca analisar o impacto da obra de Pizan nesse debate e seus desdobramentos filosóficos, explorando como suas ideias desafiaram a misoginia medieval e lançaram as bases para o pensamento feminista moderno.

A condição das mulheres na Idade Média era marcada por limitações e estereótipos negativos, perpetuados por textos religiosos e literários. A *querelle des femmes* surgiu como uma resposta a essa realidade, um embate intelectual que questionava a natureza e o papel das mulheres na sociedade.⁴ Christine de Pizan, ao escrever *A cidade das damas*, não apenas contestou a tradição misógina, mas também ofereceu uma visão alternativa, na qual as mulheres eram retratadas como seres racionais, virtuosos e capazes de grandes feitos. Ela mesma descreve o momento de angústia que a impulsionou a escrever, após ler tantos textos difamatórios: “Assim, toda desconsolada e triste, a cabeça baixa como pessoa envergonhada, os olhos cheios de lágrimas...” (Pizan, 2019, p. 46).⁵

³ A *querelle des femmes* (querela das mulheres) foi um debate intelectual sobre o papel das mulheres na sociedade, que se iniciou no século XIV e continuou por vários séculos, abrangendo diversos autores e textos que discutiam a posição do sujeito feminino, suas virtudes e limitações. Esse movimento foi um dos primeiros passos significativos na construção do pensamento feminista moderno. Claude (2000) oferece um panorama detalhado de sua origem e desenvolvimento, destacando o papel central de Christine de Pizan nesse contexto.

⁴ A condição das mulheres na Idade Média era predominantemente subordinada ao patriarcado, com papéis rigidamente definidos em diversas esferas sociais, como a religião, a política e a educação (Bratu, 2019). O debate gerado pela *querelle des femmes* questionou essas concepções, especialmente as vistas na literatura e na teologia.

⁵ Do original: “Ainsi, toute marrie et triste, la teste baissée comme personne honteuse, les yeulx plains de larmes...” (Pizan, 1975, p. 617).

Esse estado de desolação é o prelúdio para a intervenção divina que a levará a construir sua cidade simbólica.

O objetivo deste artigo é, portanto, investigar como a obra de Christine de Pizan influenciou a *querelle des femmes* e seus desdobramentos filosóficos, desde o século XV até o século XVIII. Para tanto, utilizaremos uma metodologia que combina a análise textual das obras de Pizan e de seus contemporâneos com a contextualização histórica e filosófica do período. A pesquisa se baseará em fontes primárias, como *A cidade das damas* e *Épître au Dieu d'Amour* (1990) (esta, uma importante precursora na defesa das mulheres), além de obras de outros autores envolvidos no debate, como Jean de Meun e Jean de Montreuil.⁶

O artigo estrutura-se em quatro seções. A primeira explora o contexto intelectual medieval de Christine de Pizan, suas influências filosófico-teológicas⁷ (incluindo Boécio e os autores misóginos que combate) e como sua educação singular fundamentou seu desafio à tradição.⁸ A segunda seção foca em *A cidade das damas*, analisando seus argumentos principais, a crítica à misoginia medieval (notadamente, a de Jean de Meun), a estrutura da obra e seus aspectos protofeministas. A terceira seção aborda a gênese da *querelle des femmes*, o papel de Pizan em deflagrar o debate com seus contemporâneos (como Jean de Montreuil) e a recepção inicial de suas ideias.⁹ Finalmente, a quarta seção examina a influência perene de Pizan do século XVI ao XVIII, sua ressonância em autoras como Marguerite de Navarre, Marie de Gournay e Mary Astell, e a continuidade da *querelle* no pensamento feminista subsequente. Por meio desta análise, buscamos demonstrar a relevância duradoura

⁶ Jean de Meun e Jean de Montreuil foram contemporâneos de Pizan e participaram ativamente da *querelle des femmes*. Meun, autor de *O romance da rosa*, era um crítico feroz das mulheres, enquanto Montreuil também defendeu a visão tradicional da mulher, o que gerou debates intensos com Pizan.

⁷ A obra de Pizan é rica em referências filosóficas e teológicas. Rieger (2018) investiga as fontes e influências que moldaram seu pensamento, revelando como ela utilizou a tradição filosófica para defender as mulheres.

⁸ A educação de Christine de Pizan foi inovadora para sua época, considerando que as mulheres da Idade Média não tinham acesso a uma educação formal equivalente à dos homens. Pizan teve a oportunidade de estudar, o que lhe permitiu desenvolver uma visão crítica e filosófica própria, sendo uma das poucas mulheres intelectualmente reconhecidas na época.

⁹ O impacto da obra de Christine de Pizan nos séculos XV e XVI foi significativo, com suas ideias sendo debatidas e reinterpretadas por outros intelectuais e autores, especialmente nas discussões sobre a educação e a moral das mulheres.

das ideias de Christine de Pizan para a filosofia e o pensamento feminista, destacando sua contribuição para a construção de uma história das mulheres na filosofia e para a compreensão das origens do feminismo moderno.

A defesa das mulheres em *A cidade das damas*

Antes de proceder à análise, cabe delimitar o quadro terminológico adotado neste artigo. Ao longo do texto, empregamos “protofeminismo” como noção heurística para designar discursos pré-modernos que articulam, de forma sistemática, a defesa da dignidade intelectual e moral das mulheres e a crítica às hierarquias de gênero, sem pressupor continuidade direta com o feminismo organizado do século XIX. “Feminismo”, por sua vez, é reservado para referências às configurações modernas desse campo, que envolvem reivindicações de direitos civis e políticos e uma consciência coletiva articulada enquanto movimento social. A aplicação de “protofeminismo” a Pizan justifica-se pela presença, em sua obra, de argumentação racional sistemática em defesa das capacidades femininas e de uma crítica explícita à misoginia, atributos reconhecidos pela historiografia especializada (Kelly, 1984; Brown-Grant, 1999), sem, contudo, atribuir a ela uma consciência feminista anacronicamente moderna. Essa distinção terminológica orienta a leitura das seções seguintes.

A cidade das damas (*Le Livre de la Cité des Dames*), de Christine de Pizan, surge como um marco seminal e indiscutível na história da literatura e do pensamento protofeminista. Concluída em 1405, essa obra monumental não apenas transcende as balizas de seu tempo, mas continua a ressoar com notável vitalidade e pertinência nos debates contemporâneos sobre gênero, representação e busca por igualdade (Redfern, 1995, p. 74-77). A relevância permanente da obra reside na sua pioneira e sistemática defesa da mulher, confrontando um discurso misógino secular que permeava a cultura medieval. Pizan, ao conceber a magistral alegoria de uma cidade fortificada, construída e habitada exclusivamente por mulheres de mérito, não se limitou a responder à avassaladora e difusa misoginia prevalecente em sua época, cujas raízes se aprofundavam em textos clássicos, patrísticos e populares, como o *Roman de la Rose* de Jean de Meun (Brown-Grant, 1999, p. 23-27) ou as *Lamentações de*

Matheolus (2010), obras que a própria Christine menciona como fonte de sua angústia inicial (Pizan, 2019, p. 45-46).

Mais do que uma simples refutação, ela laboriosamente edificou um espaço simbólico e utópico, um verdadeiro bastião onde as mulheres são sistematicamente e intencionalmente celebradas por sua virtude intrínseca, sua aguçada inteligência e suas inúmeras – e frequentemente silenciadas – contribuições para a civilização. Esse espaço, como argumenta Altmann (2011, p. 30-31), funciona como uma “memória construída”, um repositório de feitos femininos que visa reeducar tanto homens quanto mulheres sobre o verdadeiro valor do sexo feminino. A construção dessa cidade metafórica, cujos alicerces são lançados pela própria Christine, sob a orientação das três damas celestiais personificadas (Razão, Retidão e Justiça), representa um ato de reescrita da história e da identidade feminina. Cada “pedra” utilizada na edificação da cidade é a biografia exemplar de uma mulher notável, desde rainhas e guerreiras lendárias, como Semíramis e as amazonas, passando por inventoras como Minerva, profetisas, eruditas como Safo e Cornificia, até santas e mártires do cristianismo (Pizan, 2019).

Ao proceder dessa forma, Pizan desafiou diretamente a visão androcêntrica e patriarcal dominante que, por séculos, relegara as mulheres a papéis subalternos, a uma existência secundária e a uma suposta inferioridade intelectual e moral, frequentemente justificada por interpretações de textos filosóficos e teológicos (Blamires, 1992). Em contraposição, ela forneceu uma poderosa e articulada alternativa tanto no plano literário, ao criar um *contra-cânone* feminino que resgatava e enaltecia figuras femininas de diversas épocas e culturas, quanto no plano filosófico, ao sustentar a plena capacidade racional, a integridade moral e a agência das mulheres, contestando diretamente as premissas da tradição misógina medieval (Altmann, 2003). A sua obra, portanto, não é apenas uma defesa, mas uma afirmação da dignidade e do potencial feminino, um legado que continua a inspirar a luta pela equidade.

A estrutura da obra é engenhosa: uma construção gradual de uma cidade fortificada, cujas paredes são erguidas com as histórias e virtudes de mulheres notáveis. Christine, a narradora, após seu lamento inicial sobre a difamação das mulheres, é visitada por três figuras alegóricas (Razão, Retidão e Justiça) que a instruem e

acompanham na construção dessa cidade simbólica. A Dama Razão explica a missão: “Minha filha, viemos te advertir e te ensinar como construirás a Cidade das Damas, que será sem igual e de perpétua duração no mundo” (Pizan, 2019, p. 56).¹⁰

Cada uma dessas figuras representa um pilar essencial para a defesa das mulheres: Razão oferece a lógica e os argumentos contra a misoginia, Retidão exalta a integridade e a moralidade feminina e Justiça assegura a equidade na avaliação das qualidades das mulheres, povoando a cidade com damas dignas. A presença das três damas alegóricas que se manifestam para Christine em seu estado de desolação é de crucial importância filosófica e metodológica. Elas não são meros artifícios literários, mas personificações que sinalizam a adoção, por parte de Pizan, de um método argumentativo sofisticado e inovador para sua época. Esse método habilmente combina a estrutura lógica, o rigor na refutação e o recurso a autoridades (ainda que para subvertê-las ou reinterpretá-las), característicos da tradição escolástica, com a valorização da experiência individual, da eloquência, da educação moral e dos exemplos clássicos greco-romanos, próprios do humanismo nascente que florescia na França do início do século XV (Willard, 1984, p. 135-137; Brown-Grant, 1999, p. 50-55).

A Dama Razão, por exemplo, é quem primeiramente instrui Christine a “escavar fundo e remover a terra como se fosses preparar a fundação” (Pizan, 2019, p. 58), utilizando a lógica afiada para desconstruir os preconceitos misóginos e a autoridade de exemplos históricos para estabelecer as bases da cidade. Retidão, por sua vez, encarrega-se de erguer as “muralhas altas e fortes, as torres, as casas e os nobres palácios” (Pizan, 2019, p. 199), focando na integridade moral, nas virtudes cívicas e privadas das mulheres exemplares e na necessidade de uma conduta correta, alinhando-se com a ênfase humanista na *virtù* e na formação do caráter. Finalmente, Justiça, com sua “régua brilhante como o sol” (Pizan, 2019, p. 405), tem a tarefa de “completar os telhados e as altas torres” e de selecionar as habitantes mais nobres, coroando a cidade com rainhas, santas e, em última instância, a Virgem Maria, assegurando que o mérito feminino seja divinamente reconhecido, validado e recompensado.

¹⁰ Do original: “Chiere fille, nous sommes venues t’admonester et apprendre comment tu edifieras la Cité des Dames, qui sera sans pareille et de pardurableté au monde” (Pizan, 1975, p. 622).

O diálogo que se desenrola entre Christine e essas figuras tutelares transcende o âmbito meramente retórico ou catequético, assumindo um caráter eminentemente pedagógico e terapêutico. Esse intercâmbio evoca de forma direta o modelo clássico da consolação filosófica, encontrando seu principal paralelo em *A consolação da filosofia* (2016) de Boécio, obra que Pizan conhecia profundamente e que serviu de inspiração estrutural e temática para diversos de seus escritos (Kelly, 1993; Babcock, 2000). Similarmente à experiência de Boécio, que, aprisionado e desesperançoso, é visitado e instruído pela Dama Filosofia para reencontrar a verdade e a paz interior, Christine, “aprisionada” em seu estudo pela angústia e pela vergonha geradas pela leitura de textos difamatórios contra as mulheres (Pizan, 2019, p. 45-47), é guiada pelas três damas. Por meio da reflexão sistemática, do exame crítico das acusações (em que Razão a ensina a questionar a validade e a motivação dos detratores) e da redescoberta de um passado feminino glorioso e virtuoso, ela é conduzida da “escuridão da ignorância” e da tristeza à “luz da verdade” e à superação de sua aflição inicial. Esse processo não é apenas individual, pois serve de modelo para suas leitoras.

Desse modo, ao estruturar sua obra nesse formato dialógico e construtivo, a edificação de uma cidade simbólica e discursiva, Pizan demonstra com clareza que a defesa da dignidade feminina não necessita limitar-se a uma postura meramente reativa ou apologética frente às críticas misóginas. Pelo contrário, ela propõe um projeto resolutamente propositivo e afirmativo: a própria edificação da Cidade das Damas é um ato de criação positiva, um monumento literário e intelectual (Quilligan, 1991, p. 63-65) que visa proteger as mulheres das “flechas dos detratores” e, fundamentalmente, reconstruir o papel histórico, a imagem social e a autopercepção das mulheres. Ao oferecer um “espelho de virtudes” e um catálogo de realizações femininas, Pizan fornece um legado de valor, um “refúgio seguro” (Pizan, 2019, p. 469) e uma fonte de inspiração para as mulheres de seu tempo e para a posteridade, incentivando-as a cultivar suas próprias capacidades intelectuais e morais.

Um dos aspectos mais inovadores de *A cidade das damas* é a inversão da tradição misógina. Christine de Pizan não se limita a refutar os argumentos antifemininos, mas os subverte, expondo suas contradições e seus preconceitos. Sua crítica mais notória

recai sobre *O romance da rosa* (1965), especialmente a segunda parte, escrita por Jean de Meun, um texto amplamente difundido na época, que retratava as mulheres como seres volúveis, maliciosos e inferiores aos homens. A Dama Razão, ao abordar as críticas de Jean de Meun, diz à Christine: “Convém que faças o contrário do que ele fez: pois ele se esforçou por todos os meios para difamar as mulheres e culpá-las; e tu, ao contrário, debes louvá-las e exaltá-las por todos os meios que puderes” (Pizan, 2019, p.64).¹¹

A querela em torno de *O romance da rosa* foi um dos primeiros grandes debates literários explicitamente protofeministas da história. Pizan desmascara a misoginia de Meun, demonstrando como ele distorce a realidade e perpetua estereótipos prejudiciais. Em suas cartas e em seus tratados anteriores, como a *Épître au Dieu d'Amour* (1399), Christine já argumentava que a suposta sátira de Meun era, na verdade, um ataque deliberado às mulheres, reforçando ideias misóginas já amplamente difundidas (Brown-Grant, 1999).

Essa estratégia de inversão da retórica antifeminina é particularmente inovadora porque Pizan não se limita a rebater acusações, uma vez que também apresenta uma contranarrativa enaltecendo a dignidade feminina. Diferentemente de autores que apenas refutavam argumentos, Christine reconstrói uma genealogia alternativa da história das mulheres, mostrando que elas sempre foram agentes ativos na sociedade, no entanto, suas contribuições foram apagadas ou distorcidas por narrativas dominantes.

A crítica de Pizan não se restringe à literatura, mas se estende à filosofia e à teologia. Ela questiona a autoridade de pensadores cujas ideias eram frequentemente usadas para justificar a opressão e a discriminação contra as mulheres. Ao ser confrontada com a afirmação de um filósofo de que a natureza feminina é falha, a Dama Razão a instrui a não se abalar: “Minha filha, [...] rogo-te que não te deixes mais perturbar por tais opiniões, pois debes saber que toda opinião contrária à verdade não passa de ignorância” (Pizan, 2019, p. 64).¹²

¹¹ Do original: “Il te convient faire le contraire de ce qu'il fit: car il s'efforça par tous moyens de difamer les femmes et de les blâmer; et tu, au contraire, les dois louer et exalter par tous les moyens que tu pourras” (Pizan, 1975, p. 623).

¹² Do original: “Ma fille, [...] je te prie de ne plus te laisser troubler par de telles opinions, car tu dois savoir que toute opinion contraire à la vérité n'est qu'ignorance”.

Pizan demonstra que esses autores frequentemente se baseavam em preconceitos e generalizações infundadas. Sua abordagem é, em certo sentido, um prenúncio das críticas feministas modernas à epistemologia tradicional, que frequentemente excluía perspectivas femininas da produção do conhecimento (Altmann; McGrady, 2003). Pizan argumenta que as opiniões de homens sobre mulheres não deveriam ser aceitas como verdades absolutas, pois eram frequentemente construídas sem um conhecimento real das experiências femininas.

Em vez de se apoiar exclusivamente na autoridade dos grandes pensadores masculinos, Pizan recorre à razão e à evidência histórica. Ela apresenta uma extensa lista de mulheres virtuosas e talentosas que desafiaram as expectativas de sua época e alcançaram grandes feitos (Schaus, 2006). Desde rainhas e guerreiras até poetisas e cientistas, Pizan celebra a diversidade das experiências femininas. Figuras como a rainha Semíramis, Dido e as amazonas são exemplos de governantes e guerreiras; Minerva (Atena) é celebrada pela invenção de diversas artes e Safo pela sua poesia. Pizan também menciona mulheres bíblicas e santas cristãs, demonstrando que a virtude e a grandeza não eram exclusividades masculina. Essa estratégia tem um duplo efeito: primeiramente, ela oferece modelos positivos de mulheres poderosas e inteligentes, contrariando a visão tradicional de que as mulheres eram naturalmente inferiores; depois, ela cria uma memória coletiva feminina, uma história alternativa que valoriza as contribuições das mulheres na construção da civilização.

A cidade das damas revela elementos filosóficos e protofeministas que antecipam debates futuros sobre gênero e igualdade (Dubois-Nay; Henneau; Kulesa, 2015). Pizan defende a educação das mulheres, argumentando que elas têm o direito e a capacidade de aprender e contribuir para a sociedade. Essa defesa da instrução feminina ecoa em pensadoras posteriores, como Mary Wollstonecraft. Como pode-se ver na seguinte passagem, em que a Dama Razão responde à dúvida de Christine se as mulheres seriam capazes de aprender ciências:

E, da mesma forma, digo-te a respeito das mulheres que, se fosse costume enviar as meninas à escola e se lhes ensinassem as ciências como se faz com os meninos, elas aprenderiam tão perfeitamente e entenderiam as sutilezas

de todas as artes e ciências quanto eles (Pizan, 2019, p. 131).¹³

O trecho ilustra a defesa de Christine à igualdade de oportunidades educacionais entre os gêneros, desafiando a visão dominante de sua época. Além disso, Pizan questiona a divisão tradicional entre os papéis de gênero, sugerindo que as mulheres podem desempenhar funções públicas e privadas com igual competência (Nekoei; Sinn, 2020)¹⁴. Embora ainda não proponha uma revolução social explícita, seu pensamento lança as bases para futuras reivindicações feministas, ao mostrar que a inferioridade feminina era uma construção cultural e não uma verdade natural.

Ao construir sua cidade utópica, Pizan defende as mulheres e oferece uma visão alternativa da sociedade, na qual a igualdade e a justiça prevalecem. *A cidade das damas* é um testemunho do poder da razão e da virtude e um convite para reimaginar o papel das mulheres na história e na sociedade.

A caracterização de Pizan como pensadora protofeminista exige, contudo, uma nuance importante. Ao lado de *A cidade das damas*, o *Livro das três virtudes* (c. 1389), também conhecido como *Tesouro da cidade das damas*, revela uma dimensão mais normativa e pragmática do pensamento de Pizan, frequentemente mobilizada pela literatura especializada para evidenciar as tensões internas de sua obra (Redfern, 1995, p. 80-85). Nessa obra complementar, Pizan prescreve condutas diferenciadas para mulheres de distintos estamentos sociais (princesas, damas da corte, mulheres do povo), operando no interior das estruturas sociais vigentes e reconhecendo uma divisão de tarefas funcionalmente estruturada entre os sexos. Trechos de *A cidade das damas* também sugerem que a defesa de Pizan à igualdade intelectual e moral das mulheres não implica necessariamente uma simetria plena de funções sociais, mas antes uma complementaridade de papéis que, embora distintos, seriam igualmente dignos e racionalmente fundados. Essa tensão entre igualdade de capacidade e diferenciação funcional é

¹³ Do original: “Et semblablement des femmes, je te dis que, se la coustume estoit de mettre les petites filles a l’escole, et que communement on leur aprist les sciences comme l’en fait aux filz, elles apprendroient aussi parfaitement et entenderoient les subtilités de toutes les ars et sciences comme ilz font (1975, p. 685)”.

¹⁴ Embora a referência pareça tratar de mulheres empreendedoras contemporâneas, o ponto sobre Pizan é válido com base em sua obra.

constitutiva do pensamento de Pizan e deve ser levada em conta para uma caracterização equilibrada de seu protofeminismo: ela avança decididamente além da misoginia medieval ao afirmar a racionalidade e a virtude femininas, mas o faz sem propor uma subversão das hierarquias sociais de seu tempo; limite que, longe de diminuí-la, situa seu pensamento com precisão no contexto intelectual em que foi produzido.

Os primeiros desdobramentos: Christine de Pizan e a *querelle des femmes*

Christine de Pizan contestou a misoginia endêmica de sua época com argumentos incisivos e, de forma crucial, acendeu a chama de um debate intelectual que se estenderia por séculos: a *querelle des femmes*.¹⁵ Essa “querela das mulheres”, um prolongado e multifacetado embate literário, filosófico e social sobre a natureza, as capacidades, a educação e o lugar social do sexo feminino, encontrou em Pizan uma de suas mais articuladas e precoces protagonistas (Kelly, 1984). Já, em obras anteriores à sua *magnum opus*, como a *L'Épître au Dieu d'Amours* (1399) e sua assertiva participação no *Débat sur le Roman de la Rose* (c. 1401-1403), Pizan demonstrou sua inabalável prontidão para defender a honra feminina e refutar os ataques caluniosos de autores como Ovídio e, especialmente, Jean de Meun (Brown-Grant, 1999).

Contudo, foi com sua obra-prima, *A cidade das damas* (1405)¹⁶, que ela se destacou por um ato de formidável resistência intelectual, frente a um cânone literário e filosófico predominantemente hostil, e consolidou um marco fundacional para o que hoje compreendemos como um pensamento protofeminista. Esse texto monumental, com sua defesa estruturada e sua visionária construção de uma utopia feminina, atuou como um poderoso catalisador, provocando uma miríade de respostas, refutações, imitações e novas

¹⁵ A *querelle des femmes* (querela das mulheres) foi um extenso e prolongado debate literário e filosófico, iniciado na Idade Média e continuado até a Renascença, sobre a natureza e o papel das mulheres na sociedade. Esse debate incluiu autores que defendiam uma visão misógina da mulher, bem como pensadores que propunham uma visão mais igualitária e racional sobre o papel feminino.

¹⁶ A *cidade das damas* (1405), de Christine de Pizan, é considerada uma das primeiras obras feministas da história da literatura. Nela, Pizan constrói uma alegoria na qual constrói uma cidade ideal, habitada por mulheres exemplares da história, como figuras mitológicas e históricas que exemplificam virtude, sabedoria e força, desafiando os estereótipos femininos vigentes.

reflexões por parte de filósofos, escritores, teólogos e pensadores ao longo de toda a Europa medieval e renascentista e até mesmo nos primeiros séculos da modernidade (Davison, 2021). Ao empreender tal defesa, Pizan habilmente conseguiu transformar um discurso que poderia ser meramente apologético em um vibrante e duradouro campo de discussão intelectual. Ela fez isso ao questionar frontalmente dogmas arraigados sobre a “natureza” feminina – a suposta inferioridade racional, a fragilidade moral e a inclinação ao vício – e os papéis das mulheres na sociedade, papéis estes profundamente imersos e justificados por uma multifacetada e antiga tradição patriarcal (Rieger Schmidt, 2017).

O complexo ambiente intelectual da Baixa Idade Média¹⁷ e, em particular, a florescente produção literária em línguas vernáculas desempenharam um papel paradoxal, porém fundamental, para que a *querelle des femmes* ganhasse forma e virulência polêmica. Por um lado, esse era um universo discursivo amplamente dominado por clérigos e pela escolástica universitária, em que as mulheres tinham acesso extremamente limitado à educação formal avançada e, conseqüentemente, à produção e à legitimação do conhecimento (Hufton, 1993).

Autores de grande prestígio e popularidade, como o já mencionado Jean de Meun¹⁸ em sua massiva e influente continuação do *Roman de la Rose* ou Matheolus em suas *Lamentações*, haviam popularizado e conferido um verniz de autoridade a representações literárias sobre as mulheres que, frequentemente, recorriam a um vasto e repetitivo arsenal de estereótipos negativos. A mulher era frequentemente retratada como um ser inconstante, ardiloso, luxurioso, materialista, fútil e intelectualmente deficiente, uma visão que encontrava eco em sermões, *fabliaux* e até mesmo em alguns tratados médicos e jurídicos da época (Solterer, 2003). No entanto, foi precisamente a ousadia intelectual e moral de Pizan – uma mulher viúva que, de forma notável para seu tempo, se

¹⁷ Para compreender plenamente o impacto de Pizan, é crucial examinar suas interações com outros intelectuais e autores da época. Davison (2021) explora essas relações, fornecendo *insights* valiosos sobre o debate em torno das mulheres no período medieval.

¹⁸ Jean de Meun foi o coautor de *O romance da rosa*, uma obra medieval que, em grande parte, apresenta uma visão misógina das mulheres. O livro, escrito originalmente por Guillaume de Lorris e completado por Meun, descreve a mulher de maneira negativa, associando-a ao pecado e à tentação. A crítica de Pizan a essa obra foi uma das principais motivações para a *querelle des femmes*.

profissionalizou como escritora para sustentar sua família, ao desafiar frontalmente não só a autoridade desses autores consagrados, mas também a validade intrínseca de seus argumentos, que estabeleceu um decisivo ponto de ruptura.

Pizan não se limitou a questionar as narrativas misóginas com base na experiência feminina ou na simples indignação. Ela empregou as ferramentas da lógica, da exegese e da história para construir uma contra-argumentação robusta. Crucialmente, ao propor uma nova e positiva visão das mulheres (como seres dotados de razão, virtude, agência moral e capacidade para grandes feitos históricos, intelectuais e espirituais), a autora interrompeu o fluxo quase hegemônico de ideias depreciativas de sua época. De forma indelével, ela também criou e legitimou um espaço discursivo para que novas perspectivas sobre a condição feminina pudessem emergir, ser debatidas com seriedade e se expandir nos séculos vindouros, influenciando gerações de defensores dos direitos e da dignidade das mulheres (Campbell; Margolis, 2000).

Antes de *Acidade das damas*, a *Epístola ao deus do amor* (1990)¹⁹, uma de suas obras anteriores, já sinalizava seu posicionamento. Nessa obra, Pizan contesta a ideia de que as mulheres são culpadas pela queda do homem e reflete sobre a injustiça que a misoginia representa. Em um trecho, ela se dirige ao deus do amor, lamentando as difamações: “Como! São todos os homens verdadeiros / Em seus ditos e em seus feitos? / Não, certamente; assim não é” (Pizan, 2019, p.144).²⁰

Embora obras anteriores como a *L'Épître au Dieu d'Amours* (1399) já sinalizassem sua veia combativa e seu compromisso com a defesa feminina, antecipando argumentos cruciais que seriam posteriormente aprofundados, foi com *A cidade das damas* que Christine de Pizan consolidou, de forma mais sistemática, abrangente e filosoficamente contundente, sua postura como uma defensora incansável e uma proponente da dignidade e da

¹⁹ A *Epístola ao deus do amor* (1990) é uma obra de Christine de Pizan que, embora menos conhecida que *A cidade das damas*, já contém as sementes de suas críticas à misoginia medieval. Pizan argumenta contra a concepção de que as mulheres são as responsáveis pela queda do homem e propõe uma reflexão sobre a injustiça e a desigualdade enfrentada pelas mulheres na sociedade medieval.

²⁰ Do original: “Comment! sont tous les hommes vrayz / En leurs diz et en leurs fais? / Nennil, certes; ainsi n'est il mie” (Pizan, 1891, p. 4).

capacidade intrínseca das mulheres. Essa obra magna não foi apenas uma refutação, mas uma ambiciosa reconstrução da história e da identidade feminina.

O confronto direto de Pizan com figuras proeminentes como Jean de Montreuil,²¹ Gontier Col e Pierre Col – defensores da obra de Jean de Meun e seus ataques às mulheres, no célebre *Débat sur le Roman de la Rose* (c. 1401-1403) – constituiu um marco crucial e um prelúdio para a própria *querelle des femmes* (Laidlaw, 1983). Enquanto Montreuil e seus aliados argumentavam que as críticas mordazes de Meun às mulheres deveriam ser interpretadas como mera sátira ou artifício literário inofensivo, Pizan, com notável perspicácia, refutou veementemente essa visão. Ela demonstrou, com argumentos lógicos e exemplos concretos, como as representações misóginas contidas em *O romance da rosa*²² não eram inócuas, mas, ao contrário, perpetuavam um ciclo vicioso de estigmatização, difamação e violência simbólica contra todo o sexo feminino. Pizan argumentava incisivamente que tais representações distorcidas negavam as capacidades intelectuais, a integridade moral e os direitos fundamentais das mulheres. Assim, sua apaixonada defesa da razão, da necessidade de educação formal para meninas e da inerente virtude feminina visava denunciar e reverter ativamente essa prejudicial construção social, oferecendo, em seu lugar, uma visão positiva e empoderadora.

A troca de cartas públicas e os diálogos inflamados que caracterizaram o *Débat sur le Roman de la Rose*, envolvendo Pizan, os irmãos Col, Jean de Montreuil e até mesmo o chanceler da Universidade de Paris, Jean Gerson (que em grande medida apoiou Pizan), revela a extraordinária intensidade e a importância do debate para a intelectualidade da época (Hindman, 1986).²³

²¹ Jean de Montreuil foi um intelectual francês medieval que se destacou por defender a visão misógina que predominava na época, e suas críticas às mulheres se alinhavam com a obra de Jean de Meun. Ele argumentava que as representações misogínicas eram muitas vezes satíricas e não deveriam ser levadas a sério. Pizan refutou essas ideias, apontando que essas representações reforçavam a opressão das mulheres.

²² *O romance da rosa* de Jean de Meun foi uma obra extremamente influente durante a Idade Média. No entanto, sua representação das mulheres foi considerada profundamente negativa, associando-as à deslealdade, à fraqueza moral e à malícia. Pizan, ao refutar esses pontos de vista, trouxe uma nova perspectiva sobre o valor das mulheres, argumentando que elas também eram dignas de virtude e educação.

²³ A troca de cartas e debates entre Christine de Pizan e intelectuais como Jean de Montreuil representou um ponto crucial na *querelle des femmes*. Esse confronto intelectual foi fundamental para

Enquanto os defensores do *O romance da rosa* se aferravam às suas posições, defendendo a autoridade de Meun e a tradição literária que ele representava, um número crescente de leitores e pensadores começou a reconhecer a pertinência e a força dos argumentos de Pizan. A *querelle des femmes*, que Pizan efetivamente ajudou a inaugurar e a moldar, tornou-se, assim, um vasto e duradouro campo de batalha intelectual, em que concepções antagônicas sobre o valor e o papel das mulheres seriam disputadas por séculos.

O impacto da obra de Christine de Pizan, especialmente de *A cidade das damas* e do *Livro das três virtudes* (ou *Tesouro da cidade das damas*), não se restringiu, de forma alguma, aos círculos clericais ou universitários de sua época. Pelo contrário, a recepção e a notável circulação de suas ideias, por intermédio de numerosos manuscritos ricamente iluminados, ao longo dos séculos XV e XVI,²⁴ foram marcadas por uma fascinante combinação de profunda admiração e acirrada controvérsia (McLeod, 1991). Suas obras foram avidamente lidas, copiadas, traduzidas (para inglês, holandês e português, por exemplo) e comentadas por uma audiência diversificada que incluía intelectuais, membros da nobreza, da realeza (como a rainha Isabel da Baviera, sua patrona) e até mesmo setores da burguesia ascendente.²⁵ Embora suas ideias encontrassem eco positivo entre aqueles que valorizavam a erudição, a virtude e uma certa autonomia feminina, ou que simplesmente apreciavam sua maestria literária, elas também inevitavelmente encontraram forte resistência por parte de setores mais conservadores da sociedade, que viam em seus escritos uma perigosa subversão da ordem social e dos papéis de gênero divinamente estabelecidos.²⁶

estabelecer o movimento de defesa das mulheres da época, ao demonstrar a resistência das ideias misóginas e a força das propostas de Pizan sobre o valor e a dignidade das mulheres.

²⁴ A influência de Pizan não se limitou ao seu tempo. McLeod (1991) traça a recepção de suas obras e ideias ao longo dos séculos, revelando como ela foi interpretada e apropriada em diferentes contextos históricos.

²⁵ A influência de Pizan foi global, com suas obras sendo traduzidas para várias línguas europeias e lidas por um público amplo, incluindo tanto mulheres quanto homens. O impacto das suas ideias foi especialmente visível nas cortes e na classe intelectual, onde suas obras foram debatidas e defendidas por outros autores e pensadores.

²⁶ A recepção da obra de Pizan no século XV e XVI foi marcada pela divisão entre admiradores e detratores. A resistência das elites conservadoras à sua obra reflete a dificuldade de aceitar um desafio às normas patriarcais e à ordem social estabelecida. Por outro lado, a aceitação de suas ideias por pensadores progressistas ajudou a consolidar seu legado no campo do feminismo.

Apesar dessa resistência e das ocasionais tentativas de silenciamento ou desqualificação, a presença de Pizan no debate intelectual europeu tornou-se inegável. É necessário, contudo, distinguir aqui três níveis analíticos distintos: (i) influência histórica, que pressupõe evidências de circulação textual, leitura direta ou mediação documentável; (ii) convergência ou ressonância argumentativa, que designa afinidades temáticas entre autoras que não requerem contato direto; e (iii) antecipação de debates, que indica a emergência precoce de problemas que só serão sistematizados posteriormente, sem implicação de causalidade. No caso de Marie de Gournay, há evidências historiográficas consistentes de recepção direta das obras de Pizan (Brown-Grant, 1999); em relação à Marguerite de Navarre, trata-se predominantemente de convergência temática num ambiente intelectual partilhado. Essa distinção é metodologicamente relevante e orienta a análise desenvolvida na seção seguinte.²⁷ A obra de Pizan, portanto, não apenas estimulou um debate intelectual contínuo e vibrante, mas, de maneira crucial, forneceu uma rica base filosófica, histórica e retórica para as futuras discussões sobre os direitos e a condição das mulheres, incluindo o emergente pensamento feminista.

A notável continuidade da *querelle des femmes* ao longo dos séculos XVI, XVII e até o XVIII – período em que o debate se intensificou e se diversificou com novas vozes e argumentos – demonstra o quão profundamente o “movimento” discursivo, impulsionado por Pizan, se arraigou na consciência europeia. A apropriação e a reinterpretação de suas ideias por autoras e autores renascentistas e iluministas, como François Poullain de la Barre e, mais tardiamente, Mary Astell²⁸ (cuja defesa da educação formal para mulheres e da criação de academias femininas ecoa as preocupações de Pizan), exemplificam vividamente como os argumentos de Pizan foram retomados, reelaborados e adaptados

²⁷ As autoras Marguerite de Navarre e Marie de Gournay, que viveram após Pizan, foram influenciadas pelas suas ideias e continuaram a defender a educação e o direito das mulheres. A obra de Pizan serviu como um alicerce para essas autoras e muitas outras que desafiaram as concepções misóginas e procuraram melhorar a posição das mulheres na sociedade.

²⁸ A *querelle des femmes* continuou sua trajetória ao longo dos séculos XVI e XVII, com a emergência de pensadoras iluministas, como Mary Astell, que advogaram pela educação das mulheres e pela igualdade de gênero. As ideias de Pizan, aliadas ao pensamento iluminista, desempenharam um papel central na construção de uma base filosófica feminista que influenciaria o ativismo e a filosofia feminista nos séculos seguintes.

a novos contextos intelectuais – ainda que os mecanismos precisos de transmissão e recepção variem de caso a caso (Offen, 2000). A *querelle des femmes* transcendeu, assim, sua origem como uma disputa literária focada na interpretação do *Roman de la Rose*, para se tornar um amplo e multifacetado movimento intelectual que questionou as fundações do patriarcado e lançou as bases conceituais do pensamento feminista moderno.

Em última análise, o impacto de Christine de Pizan e da *querelle des femmes* no pensamento ocidental foi profundo e transformador.²⁹ Pizan, ao escrever com extraordinária coragem, erudição e convicção em uma época que restringia severamente a voz feminina, ousou redefinir o papel da mulher na filosofia como sujeito pensante, autora e debatedora legítima e inaugurou um movimento intelectual cuja vitalidade e relevância perduram até os dias atuais, encontrando eco nas contínuas lutas por igualdade, reconhecimento e justiça de gênero.

A influência duradoura de Christine: ressonâncias da *querelle des femmes* nos séculos XVI-XVIII

A chama da *querelle des femmes*, acesa por Christine de Pizan, continuou a arder nos séculos seguintes, abrindo espaço para o pensamento feminista moderno. A presença de Pizan nesse percurso se manifestou em diferentes modalidades, influência direta documentável, convergência argumentativa e antecipação de debates, cujos mecanismos específicos serão indicados caso a caso ao longo desta seção.³⁰

No século XVI, a obra de Pizan encontrou eco em autoras renascentistas como Marguerite de Navarre.³¹ Sua obra

²⁹ O pensamento feminista de Christine de Pizan, baseado na razão, na educação e na valorização das mulheres, foi fundamental para questionar as estruturas sociais patriarcais. Sua obra não só provocou uma revolução intelectual em sua época, mas também deixou um legado duradouro para os movimentos feministas futuros, que buscaram promover a igualdade e os direitos das mulheres em diversas esferas sociais.

³⁰ Nekoei e Sinn (2020) explora a conexão entre a *querelle des femmes* e o feminismo moderno, mostrando como os debates iniciados por Pizan lançaram as bases para as lutas pela igualdade de gênero nos séculos seguintes.

³¹ Marguerite de Navarre (1492-1549), rainha de Navarra e escritora renascentista, foi uma das figuras importantes no século XVI que refletiu sobre o papel da mulher na sociedade. Sua obra *Heptameron*, composta de 72 contos, dialoga diretamente com a tradição literária da *querelle des femmes*. Navarre, assim como Pizan, combateu a visão tradicional das mulheres como seres frágeis e passivos, apresentando-as como figuras ativas e racionais. Sua defesa da liberdade intelectual

Heptameron (1999), publicada postumamente entre 1558 e 1559, embora não seja uma defesa direta nos moldes de Pizan, explora as complexidades das relações de gênero e frequentemente retrata mulheres com inteligência e arbítrio, desafiando estereótipos (De Navarre, 1999). Embora não existam evidências documentais de que Navarre tenha lido as obras de Pizan, ambas partilham do mesmo ambiente intelectual da *querelle des femmes* e convergem na valorização da capacidade intelectual e moral das mulheres – o que configura uma ressonância argumentativa mais do que uma relação causal direta.

Marie de Gournay,³² no século XVII, representa o caso de recepção mais diretamente documentável das ideias de Pizan: Gournay editou e divulgou obras de Pizan e refere-se explicitamente a ela em seus escritos (Brown-Grant, 1999), configurando uma relação de influência histórica no sentido estrito. Em seu tratado *Égalité des Hommes et des Femmes* (2019), Gournay desenvolve argumentos convergentes com os de Pizan sobre o acesso à educação e o potencial intelectual das mulheres, em clara continuidade com a tradição inaugurada por *A cidade das damas*: “Não há ninguém que não confesse que as mulheres têm o julgamento, a memória e todas as outras faculdades do entendimento, assim como os homens” (Gournay, 2019, p. 29).³³ Gournay utilizou argumentos semelhantes aos de Pizan para refutar as visões dominantes de seu tempo, defendendo a capacidade racional das mulheres.

Com a chegada do século XVIII e o florescimento do Iluminismo, a *querelle des femmes* encontrou novas vozes. Mary Astell,³⁴ filósofa inglesa, em sua obra *Some Reflections upon Marriage*

feminina se conecta ao movimento feminista iniciado por Pizan, sendo uma das precursoras do pensamento feminista da Renascença.

³² Marie de Gournay (1565-1645), filósofa francesa, foi uma das maiores defensoras do pensamento de Christine de Pizan. Ela se autodenominava filha adotiva de Montaigne e buscava disseminar as ideias de Pizan sobre a igualdade de gênero e a importância da educação para as mulheres. Gournay editou e divulgou várias obras de Pizan, defendendo a igualdade intelectual e moral entre os sexos. Sua obra *A igualdade das mulheres* (1622) promoveu o reconhecimento das capacidades das mulheres e desafiou os estereótipos dominantes sobre sua inferioridade.

³³ Do original: “Il n’y a personne qui ne confesse que les femmes ont le jugement, la mémoire et toutes les autres facultés de l’entendement, aussi bien que les hommes.” (Gournay, 2002, p. 63).

³⁴ Mary Astell (1666-1731), filósofa inglesa, foi uma das mais importantes defensoras da educação feminina no século XVII e início do XVIII. Astell propôs que as mulheres tivessem acesso às mesmas oportunidades educacionais que os homens, algo que estava alinhado com as ideias de Pizan. Em sua obra *Reflexões sobre a educação das mulheres* (1700), Astell argumenta que a educação deveria ser baseada na razão e virtude, visando à formação de cidadãs que contribuíssem ativamente

(1700) e especialmente em *A Serious Proposal to the Ladies* (1694), destacou-se por sua defesa da educação das mulheres, um tema central em Pizan. Astell argumentou que a educação feminina deveria ser baseada na razão e na virtude, preparando as mulheres para uma vida intelectual e moralmente autônoma, e não apenas para o casamento (Astell, 1700).

A *querelle des femmes* não se restringiu a um debate teórico. A defesa da educação feminina, impulsionada por Pizan e continuada por outras, gradualmente contribuiu para a abertura de mais oportunidades educacionais para mulheres.

As ressonâncias da *querelle des femmes* no feminismo iluminista são evidentes na obra de Mary Wollstonecraft.³⁵ Em *Uma reivindicação dos direitos da mulher* (2016), de 1792, Wollstonecraft argumentou que a subordinação social das mulheres era uma construção cultural, exacerbada pela falta de educação e oportunidades, e não uma inferioridade intrínseca (Wollstonecraft, 2016). Assim como Pizan havia feito séculos antes, Wollstonecraft enfatizou a importância da razão:

Ao defender os direitos da mulher, meu principal argumento baseia-se neste simples princípio: se ela não for preparada pela educação para se tornar a companheira do homem, ela deterá o progresso do conhecimento e da virtude; pois a verdade deve ser comum a todos (Wollstonecraft, 2016, p. 17).³⁶

A influência de Christine de Pizan nos séculos XVI-XVIII demonstra a relevância duradoura de suas ideias.³⁷ Sua insistência

para a sociedade.

³⁵ Mary Wollstonecraft (1759-1797), filósofa e escritora inglesa, foi uma das figuras centrais do feminismo iluminista. Sua obra *Uma reivindicação dos direitos da mulher* (2016) critica a subordinação das mulheres e defende a igualdade de educação e direitos para ambos os sexos. Wollstonecraft, influenciada pelas ideias de Pizan e Astell, considerava a educação como a chave para a emancipação feminina. Ela argumentava que a exclusão das mulheres do campo intelectual era uma construção social e cultural, não uma consequência de sua natureza (Wollstonecraft, 2016).

³⁶ Do original: “Contending for the rights of woman, my main argument is built on this simple principle, that if she be not prepared by education to become the companion of man, she will stop the progress of knowledge and virtue; for truth must be common to all.” (Wollstonecraft, 2004, p. 66).

³⁷ O pensamento feminista contemporâneo continua a se basear nas ideias fundamentais de igualdade, razão e educação defendidas por Pizan e suas sucessoras. A *Querelle des Femmes*, longe de ser um debate restrito a um contexto medieval ou renascentista, encontra ressonâncias nas lutas feministas atuais, que continuam a desafiar os padrões de gênero, a misoginia e a exclusão das mulheres das esferas públicas e intelectuais. O movimento pelo direito à educação e à participação igualitária na sociedade continua sendo uma das principais bandeiras do feminismo no século

na educação, na igualdade de capacidade intelectual e na virtude feminina ajudou a pavimentar o caminho para as discussões feministas modernas.³⁸

Conclusão

Ao longo do texto, foi possível estabelecer que Christine de Pizan, com sua obra pioneira, *A cidade das damas*, lançou as bases para a defesa dos direitos e da dignidade das mulheres, desafiando a misoginia medieval e inaugurando a *querelle des femmes*. Sua coragem e perspicácia filosófica permitiram que ela contestasse as narrativas dominantes de inferioridade feminina. Como ela mesma afirma pela boca da Dama Razão, a cidade que constrói é um refúgio para todas as mulheres honradas:

Esta Cidade que fundaste sob minha ordem e com minha ajuda está agora concluída [...] na qual todas aquelas que amam glória, virtude e louvor poderão doravante alojar-se com segurança, quaisquer que sejam suas condições, rainhas, princesas ou grandes damas (Pizan, p.217).³⁹

Nos séculos seguintes, figuras como Marguerite de Navarre, Marie de Gournay e Mary Astell deram continuidade ao legado de Pizan. Mary Wollstonecraft, no século XVIII, solidificou ainda mais essa linha de pensamento. As ideias de Pizan, ressoando ao longo dos séculos, demonstram sua relevância duradoura.

Assim, Christine de Pizan não apenas marcou a história com suas obras, mas também pavimentou o caminho para que futuras gerações de mulheres pudessem lutar por seus direitos. Sua defesa apaixonada das mulheres continua a inspirar e a guiar o movimento feminista, reafirmando a importância da razão, da educação e da virtude na busca pela igualdade de gênero.

XXI.

³⁸ A defesa da educação feminina foi um dos pontos centrais da *Querelle des Femmes* e teve grande impacto nas lutas feministas posteriores. No contexto dos séculos XVI e XVII, a crítica à exclusão das mulheres da educação formal e intelectual se alinhou com o movimento pelo acesso à educação para todos, independentemente do sexo. Esse debate foi essencial para a abertura de escolas e universidades para mulheres e contribuiu para a expansão das oportunidades de aprendizado e participação na vida pública.

³⁹ Do original: “Cette Cité que tu as fondée à mon commandement et par mon aide est maintenant achevée [...] en laquelle toutes celles qui aiment gloire, vertu et loz pourront désormais sûrement se loger, quelles que soient leurs conditions, reines, princesses ou grandes dames”. (Pizan, 1975, p. 1032).

Referências

BABCOCK, Christine. The Figure of Lady Philosophy in an Age of Transition: Christine de Pizan's *Livre de la Cité des Dames*. In: MARGOLIS, Nadia; CAMPBELL, John. (Eds.). *Christine de Pizan 2000: studies on Christine de Pizan in honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam, NL: Rodopi, 2000. p. 223-234.

ALTMANN, Barbara K. Christine de Pizan as Maker of the Middle Ages. In: UTZ, R.; EMERY, E. (Eds.). *Makers of the Middle Ages: Essays in Honor of William Calin*. Kalamazoo, MI: Studies in Medievalism, 2011. p. 30-32.

ALTMANN, Barbara K.; MCGRADY, Deborah L. (Eds.). *Christine de Pizan: A Casebook*. New York, USA: Routledge, 2003.

ASTELL, Mary. *Some Reflections upon Marriage*. London, ENG: R. Wilkin, 1700.

BLAMIERES, Alcuin. *Woman defamed and woman defended: an anthology of medieval texts*. Oxford, UK: Clarendon Press, 1992.

BRATU, Cristian. *Je, auteur de ce livre: L'affirmation de soi chez les historiens, de l'Antiquité à la fin du Moyen Âge*. Leiden, NL: Brill, 2019.

BOÉCIO, Anício Manlio Torquato Severino. *A consolação da filosofia*. Tradução, introdução e notas de Willian Li. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2016.

BROWN-GRANT, Rosalind. *Christine de Pizan and the Moral Defence of Women: Reading beyond Gender*. Cambridge, ENG: Cambridge University Press, 1999.

CAMPBELL, John; MARGOLIS, Nadia. (Eds.). *Christine de Pizan 2000: Studies on Christine de Pizan in Honour of Angus J. Kennedy*. Amsterdam, NL: Rodopi, 2000.

CLAUDE, Catherine. *La Querelle Des Femmes: La Place Des Femmes Des Francs À La Renaissance*. Pantin, FR: Temps des Cerises Éd, 2000.

DAVISON, Elizabeth. Virtuous Women and Ignorant Men: Comparing Christine de Pizan's The Book of the City of Ladies and Olympe de Gouges's Declaration of the Rights of Woman and Female Citizen. *Prandium – The Journal of Historical Studies*, Ontario, CAN, v. 10, n. 1, 2021.

DE NAVARRE, Marguerite. *Heptameron*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1985. 544 p.

DE PIZAN, Christine. *A cidade das damas*. Tradução de Arnaldo Süsskind e revisão de tradução de Telma Lúcia F. T. da Motta. São Paulo, SP: 34, 2019.

DE PIZAN, Christine. *O livro da Cidade das Damas*. Tradução direta do francês médio de Luciana Calado. Recife, PE: EDUFPE, 2012.

DE PIZAN, Christine. *Le livre des trois vertus*. Édition critique por Charity Cannon Willard; introduction et notes por Eric Hicks. Paris, FR: Honoré Champion, 1989.

DE PIZAN, Christine. Epistre au Dieu d'Amours (1399). In: FENSTER, Thelma S.; ERLER, Mary C. (Eds.). *Poems of Cupid, God of Love*. Leiden, NL: Brill, 1990.

DE PIZAN, Christine. *Poems of Cupid, Cupid's Letter, and Discourse on the Romance of the Rose*. Edited and translated by Thelma S. Fenster and Mary Carpenter Erler. Chicago, USA: University of Chicago Press, 1990.

DE PIZAN, Christine. Épître au Dieu d'Amour. In: KENNEDY, Angus J. (Ed.). *Christine de Pizan: A Critical Edition of the Epistle Othéa*, with Introduction, Notes, and Glossary. Oxford, UK: Clarendon Press, 1999.

DE PIZAN, Christine. *Le Livre de la Cité des Dames*. Édition critique par Maureen Cheney Curnow. Nashville, EUA: Vanderbilt University, 1975.

DUBOIS-NAY, Armel; HENNEAU, Marie-Élisabeth; KULESSA, Rotraud von. (Org.) *Revisiter la Querelle des femmes: Discours sur l'égalité/inégalité des femmes et des hommes en Europe, de 1400 aux lendemains de la Révolution*. Saint Etienne, FR: Université de Saint-Etienne, 2015.

GOURNAY, Marie de. Égalité des Hommes et des Femmes (1622). In: Rovère, Maxime. (Org.). *Arqueofeminismo*. Mulheres Filósofas e Filósofos Feministas Séculos XVII-XVIII. Tradução de Pedro Muniz. São Paulo, SP: N-1, 2019. p. 27-44.

HINDMAN, Sandra L. *Christine de Pizan's "Epistre Othea": painting and politics at the court of Charles VI*. Toronto, CAN: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1986.

HUFTON, Olwen. *The prospect before her: a history of women in Western Europe*. [v. 1: 1500-1800]. London, ENG: Harper Collins, 1993.

ISIDORO DE SEVILHA. *Etimologias*. Texto latino, versión española y notas por José Oroz Reta y Manuel-A. Marcos Casquero. Madrid, ESP: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.

KELLY, Douglas. The Fidas Interpres: Aid or Hindrance to Medieval Textual Criticism. In: BUSBY, Keith; KOOPER, Erik (Eds.). *Courtly Literature Culture and Context: Selected papers from the 5th Triennial Congress of the International Courtly Literature Society*, Dalfsen, The Netherlands, 9-16 aug. 1986. Amsterdam, NL: John Benjamins Publishing, 1990.

KELLY, Joan. Early Feminist Theory and the *Querelle des Femmes*, 1400-1789. In: KELLY, Joan. *Women, history, and theory: the essays of Joan Kelly*. Chicago, EUA: University of Chicago Press, 1984. p. 65-109.

LAIDLAW, James C. Christine de Pizan, the Earl of Salisbury and Henry IV. *French Studies*, Liverpool, UK, v. 37, n. 2, p. 129-143, 1983.

LE FÈVRE DE RESSONS, Jean. *Les Lamentations de Matheolus*. Édition critique par Tiziano Pacchiarotti. Alessandria, IT: Edizioni dell'Orso, 2010.

LORRIS, Guillaume de; MEUNG, Jean de. *Le Roman de la rose*. ed. Lecoy. Paris, FR: Champion, 1965.

MCLEOD, Glenda. *The Reception of Christine de Pizan from the Fifteenth through the Nineteenth Century*. Lewiston, NY: Edwin Mellen Press, 1991.

NEKOEL, Arash; SINN, Fabian. HERSTORY – The Rise of Self-Made Women. *SSRN Electronic Journal*, [online], 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3741332>. Acesso em: 9 fev. 2025.

OFFEN, Karen. *European Feminisms, 1700-1950: A Political History*. Stanford, EUA: Stanford University Press, 2000.

QUILLIGAN, Maureen. *The Allegory of Female Authority: Christine de Pizan's Cité des Dames*. Ithaca, USA: Cornell University Press, 1991.

REDFERN, Jenny. Christine de Pizan and The Treasure of the City of Ladies: A Medieval Rhetorician and Her Rhetoric. In:

LUNSFORD, A. A. (Ed.). *Reclaiming Rhetorica: Women and the Rhetorical Tradition*. Pittsburgh, EUA: University of Pittsburgh Press, 1995. p. 73-92.

RIEGER SCHMIDT, Ana. Body and Rationality: The Philosophical Contribution of Christine de Pizan. In: *Homo, Natura, Mundus: Human Beings and Their Relationships: Proceedings of the XIV International Congress of the S.I.E.P.M.*, Porto, 26-30 August 2007, ed. José Meirinhos, Turnhout, BE: Brepols, 2010. p. 857-865.

SCHMIDT, R. A.; SECCO, G.; ZANNUZI, I. (Org.). *Vozes Femininas na Filosofia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

RIEGER SCHMIDT, Ana. Christine de Pizan. Mulheres na Filosofia. *Blogs Unicamp*, [on-line], 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/cristina-de-pizan/>. Acesso em: 10 Dez. 2024.

SÃO JERÔNIMO. *Contra Joviniano*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo, SP: Paulus, 2008.

SCHAUS, Margaret C. (ed.). *Women and Gender in Medieval Europe: An Encyclopedia*. Oxfordshire, ENG: Routledge, 2006.

SOLTERER, Helen. *The Master and Minerva: disputing women in French medieval culture*. Berkeley, USA: University of California Press, 2003.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Tradução de Dom Alexandre Correia. São Paulo, SP: Loyola, 2002.

WALTERS, Lori J. The Queen's Manuscript (London, British Library, Harley 4431) as a Monument to Peace. *Le Moyen Français*, Turnhout, BE, v. 75, p. 85-117, 2014.

WILLARD, Charity Cannon. *Christine de Pizan: Her Life and Works*. New York, USA: Persea Books, 1984.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of the Rights of Woman*. London, ENG: Penguin Classics, 1992.

WOLLSTONECRAFT, Mary. *Uma reivindicação dos direitos da mulher*. Tradução de Iolanda Cristina Leite. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

